



**UNEB ANANSI**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA REVISTA DE FILOSOFIA, SALVADOR, ISSN: 2675-8385

< Produções do Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema / Resenha >

## **Seria uma visão de mundo pluralista uma solução?**

resenha de *AIUÊ - Escutando Os Sons dos Quilombos* (2018), do Coletivo Cacos

### **Roberto Salbego Donicht**

Mestre em Análise do Comportamento pela Universidade Estadual de Londrina.

O presente texto se trata de uma resenha do filme ou microssérie denominado “AIUÊ - Escutando Os Sons dos Quilombos”, disponível no youtube no canal “Coletivo Cacos” (2018). Partindo do pressuposto de que toda resenha é uma mescla entre a obra original e os efeitos ocasionados em seu público, a proposta aqui é utilizar-se da microssérie “AIUÊ” como um fio condutor para a defesa da pluralidade de práticas culturais na sociedade brasileira. Entende-se, portanto, que adotar uma visão de mundo pluralista pode ser algo benéfico para uma cultura, nesse caso, da cultura brasileira, onde as práticas culturais das comunidades quilombolas estão e devem estar inclusas.

Para facilitar a compreensão do leitor e familiarizá-lo com a estrutura do texto, essa resenha será composta por três tópicos de análises. São eles: I - Contextualização da microssérie, destacando alguns aspectos positivos e abordando alguns comentários sobre a

proposta da obra; II - Conceituar brevemente o termo “comunidade quilombola”, destacando a importância de se visibilizar as práticas culturais desenvolvidas pelos membros dessas comunidades; III - Finalizar com uma defesa de uma visão de mundo pluralista, constatando a importância e as vantagens para uma sociedade de haver várias formas de constituir-se como indivíduo e grupo no território brasileiro.

### **Contextualização da série “AIUÊ - Escutando Os Sons dos Quilombos”**

A microssérie “AIUÊ - Escutando Os Sons dos Quilombos” (Coletivo Cacos, 2018) está dividida em seis episódios, cada qual se passa em uma comunidade quilombola na região metropolitana de Salvador - Bahia, estando elas localizadas no seguinte mapa (**ver Figura 1**). Nos comentários do



Figura 1. Mapa de Localização dos Quilombos Representados na Microssérie "AIUÊ - Escutando Os Sons dos Quilombos" do Coletivo Cacos

trailer da microssérie, disponível no youtube no canal supracitado, os autores da obra descrevem que a proposta da microssérie é enfatizar os aspectos sonoros dessas comunidades quilombolas, indicando como o som, e a ausência de som, estão interligados com os movimentos de resistência étnica e territorial dessas comunidades. Logo, o título "AIUÊ", que segundo os autores da microssérie (Coletivo Cacos, 2018), em

Kimbundo, uma língua da família banta originada no continente africano, refere-se a uma expressão de espanto, alegria e festa, que consegue sintetizar com maestria essa relação som-etnia-territorialidade, os quais são as temáticas recorrentes e centrais nos seis episódios.

Devido a importância da experiência sonora enfatizada na microssérie, recomenda-se o uso de fone de ouvido ao assisti-lá, pois colabora muito para a

experiência. Afinal, ao longo de todos os episódios, o espectador vai interagir constantemente com inúmeros tipos de sons. Sons esses que englobam desde pássaros cantando, o som das ondas do mar ou os inúmeros sons advindos de instrumentos de percussão, improvisados ou não, típicos de culturas de matriz africanas (Freitas, Fioreze, Pires, 2021). Assim, além dos aspectos visuais, o próprio som colabora para auxiliar o espectador a conhecer melhor o dia-a-dia dos moradores dessas comunidades quilombolas.

Agora, sobre as três temáticas (som, etnia e territorialidade), consideradas aqui centrais, é possível perceber como a reivindicação pelo direito ao território mescla-se com questões étnicas dos membros dessas comunidades quilombolas. Nota-se que o fortalecimento das práticas culturais de matriz africanas, como, por exemplo, as rodas de samba citadas na microssérie, aumentam a coesão grupal dessas comunidades. Esse tipo de relação colabora para um senso de pertencimento e identidade, consequentemente tornando o grupo mais unido para reivindicar os seus direitos territoriais, historicamente negados.

Há alguns outros pontos interessantes, mas que não perpassam os seis episódios. Temos, por exemplo, o protagonismo político das mulheres quilombolas em defesa e luta pelos seus direitos (em especial episódios três e quatro), algo evidenciado no seguinte comentário de

uma das moradoras da Ilha de Maré: “a gente vai sempre resistir, a gente vai tá na luta. Pela uma qualidade de vida melhor, por uma garantia de vida melhor. Por esse espaço que é nosso, que a gente não vai abrir mão em nome da ganância, em nome do desenvolvimento” (Coletivo Cacos, 2018). Há ainda comentários sobre os efeitos da urbanização forçada de comunidades quilombolas anteriormente rurais (episódio cinco), algo muito nítido no seguinte comentário: “aqui era um Quilombo rural na verdade. Ai, o que acontece é que a urbanização veio, veio, veio e engoliu. Ai se tornou um Quilombo urbano” (Coletivo Cacos, 2018). São em comentários como esses que se demonstra a importância da obra “AIUÊ”, pois é onde se (den)uncia as inúmeras problemáticas com as quais os moradores de comunidades quilombolas são levados a se deparar e enfrentar.

Outra temática que, embora não enunciada explicitamente, fica subentendida em todos os episódios, se dá na relação das práticas culturais dessas comunidades quilombolas e a preservação do meio-ambiente. É possível observar uma relação mais harmoniosa para com a natureza, provavelmente pelas práticas culturais dessas comunidades quilombolas estarem calcadas em produção para auto-suficiência e pela preservação étnico-cultural das práticas exercidas nessas comunidades. Tal relação, etnia e meio ambiente, encontra aporte no seguinte comentário de um morador que traz a

seguinte frase: “a gente tem direito a viver em um ambiente saudável, a viver onde a gente quer viver” (Coletivo Cacos, 2018). Mais nítido ainda, são os conflitos existentes entre essas práticas culturais das comunidades quilombolas e outras práticas culturais típicas de uma cultura capitalista (e.g., lógica do lucro e produtivismo), na qual os conflitos entre as comunidades e alguns agricultores, políticos e moradores da região estão intimamente ligados ao direito ao território.

### **Comunidades Quilombolas: a importância da visibilização de práticas culturais não hegemônicas**

Realizada essa breve síntese da microssérie, que reflexões podem advir? A primeira, e talvez mais relevante, é entender que o ato de abordar a questão das comunidades quilombolas no Brasil é um ato político (Freitas, Fioreze & Pires, 2021). Isso se dá pela compreensão de que a legitimidade de uma comunidade quilombola é algo que demanda constante militância e qualquer comportamento que dê voz e visibilize essas comunidades é um ato político em prol dessas práticas culturais exercidas em comunidades quilombolas. Em termos analíticos comportamentais, é necessário planejar e manter contingências de reforçamento que reforcem os comportamentos de uma sociedade de manter viva as práticas culturais dessas comunidades quilombolas.

Entendendo a importância de viabilizar as comunidades quilombolas, talvez um grande primeiro passo seja compreender uma possível conceituação acerca do que é um quilombo. Segundo o decreto nº 4.887, Art. 2º, temos que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003).

Portanto, uma comunidade quilombola perpassa sempre uma relação entre etnia e territorialidade e, conseqüentemente, uma luta pelo reconhecimento dessa relação. É a partir disso, que surge a constituição de uma história grupal, a qual permite reconhecimento social e conseqüentemente a construção de "identidade social" de uma comunidade quilombola, podendo ocasionar, em seus membros, sentimentos de orgulho e identificação com as suas origens, algo historicamente negado à afrodescendentes brasileiros (Freitas, Fioreze, Pires, 2021; Vieira Junior, 2013). Logo, como indica Itamar Vieira Junior (2013), o processo de regulamentação das comunidades quilombolas dá uma identidade cultural para esses membros, permitindo o reconhecimento e até mesmo um sentido de orgulho advindo dessa ancestralidade escrava.

Apesar desse processo de regulamentação ser algo útil e importante, o seu processo é recente (apenas em 2003 houve o decreto de regulamentação) e lento. Segundo Vieira Junior (2013), na medida em que há avanços importantes na regulamentação desses territórios e em uma reparação histórica importante, também há um aumento de resistência política, contrária à aquisição desses direitos. Afinal, é possível propor que o fortalecimento de identidades étnicas esteja em contraposição a práticas culturais que estimulam lógicas capitalistas, produtivistas e globalistas. Até porque pensar em questões étnicas e territoriais, é pensar no passado e em um recorte territorial de um determinado povo (historicamente oprimido), é, portanto, considerar essas questões como critérios importantes para o ato da ação política. Assim, a microssérie “AIUÊ” cumpre dois papéis importantíssimos: I - sintetizar esse conflito entre inúmeras instituições e movimentos sociais; II - visibilizar para o grande público a existência dessas comunidades quilombolas.

### **Visão de Mundo Pluralista: a defesa de práticas culturais de comunidades quilombolas como algo importante e benéfico para a constituição da cultura brasileira**

Encaminhando-se para o fim desta resenha, é necessário fazer uma breve conceituação sobre algumas características do que vai ser chamado

aqui de visão de mundo pluralista. Primeiramente é preciso compreender que a visão de mundo pluralista advém de uma proposta pragmatista de interpretação do mundo, pautada aqui no livro “Conversas Pragmatistas sobre Comportamentalismo Radical” (Lopes, Laurenti & Abib, 2018). De um modo geral, podemos entender o pragmatismo como uma corrente filosófica que: I - Busca avaliar as consequências das ações sobre o mundo, renegando qualquer lógica essencialistas ou substancialista; II - Entende a verdade como sendo tudo que é “útil” e “eficiente”, não havendo uma realidade dada ou pronta; III - Entende que “útil” e “eficiente” decorre de tudo que auxilia no funcionamento de uma comunidade.

Se o mundo em que vivemos não possui uma substância ou essência, então o mundo não está e nunca estará pronto e acabado. O que significa defender isso? É partir do pressuposto de que não existe a possibilidade de uma visão de mundo coesa, unificada, absoluta e correta (Lopes, Laurenti & Abib, 2018). Assim, uma visão de mundo pluralista, ao contrário de uma visão de mundo monista, renegando o conceito de “verdade absoluta”, compreende que a realidade só pode ser compreendida através da relação subjetividade-mundo. Tal olhar diante do mundo permite e incentiva inúmeras visões de mundo, isto é, uma gama de formas de relacionar-se com o mundo.

Trazendo essa visão de mundo para a presente resenha, é possível realizar uma

análise na dicotomia de práticas culturais ditas hegemônicas com as práticas culturais de comunidades quilombolas. Essas práticas culturais hegemônicas podem ser compreendidas como sendo integrantes de uma cultura denominada de capitalista, consumista desenvolvimentistas e globalistas. Por outro lado, as práticas culturais existentes em comunidades quilombolas, são aqui compreendidas como práticas culturais que enfatizam aspectos regionais, étnicos, identitários e de sustentabilidade. Assim sendo, em uma visão de mundo monista, e típica do senso comum, as práticas culturais hegemônicas são as que estão certas, são a “verdade” e devem ser defendidas, afinal, é assim que o mundo é e deve ser.

Qual é o problema disso? Se ignora ou até mesmo se justifica as falhas e problemáticas decorrentes dessas práticas culturais hegemônicas (e.g., desigualdade social, problemas ambientais). Portanto, uma vantagem ética-política de adotar a visão de mundo pluralista é entender que se não há uma narrativa linear e nenhuma substância absoluta, é sempre possível reconhecer erros, problemas, falhas e realizar mudanças (Lopes, Laurenti & Abib, 2018). Logo, a visão de mundo pragmatista e pluralista decorre do pressuposto de que o ser humano é falho e não possui nenhum sentido final para a sua vida. Se assim for, o ser humano é uma figura de construção de mundo (e não “do” mundo), o qual sempre terá um certo grau

de imprevisibilidade (Lopes, Laurenti & Abib, 2018).

Ao adotarmos essa visão de mundo pluralista, é possível entender as práticas culturais existentes nas comunidades quilombolas, representadas na microssérie “AIUÊ”, como uma grande vantagem para a cultura brasileira. Afinal as comunidades quilombolas nos lembram constantemente dos erros, problemáticas e falhas de algumas práticas culturais presentes na cultura brasileira e, concomitantemente, nos ofertam e ensinam outras formas de constituir-se como sujeito e comunidade no universo. Que possamos aprender e metamorfosear-se com elas.

### **Obra Principal:**

Coletivo Cacos (2018). *Filme “AIUÊ - Escutando Os Sons dos Quilombos”*.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/@coletivocaco3133/videos>. Acesso em: 16/10/2023.

### **REFERÊNCIAS**

Brasil (2003). *Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em: 13 de outubro 2023.

De Freitas, Erani Luis Vitorazzi, Fioreze, Leandra Anversa, & Pires, Claudia Luisa Zeferino (2021). Os valores Civilizatórios e o jogo Mancala como possibilidade de resgate e valorização da Cultura



Quilombola. *Revista Insignare Scientia - RIS*, v. 4, n. 1, p. 96-118.

Lopes, Carlos Eduardo, Laurenti, Carolina, & Abib, José Antônio Damásio, (2018). *Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical* (2a ed. rev. ampl.). Curitiba: CRV. 156 p.

Vieira Junior, Itamar Rangel (2013) Territorialidade e Etnicidade: Debates para a regularização fundiária de quilombos pelo Estado Brasileiro. In: Decimocuarto Encontro de Geógrafos da América Latina - Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos, 2013, Lima, Peru. *Anales del XIV Encontro de Geógrafos de América Latina 2013 Perú*. Lima: Unión Geográfica Internacional - Comité Nacional Perú.